

Análise das obras de Mariana Enriquez publicadas no Brasil

Renata Bastos da Silva

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional– Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Sandra Maria Becker Tavares

Instituto de Relações Internacionais e Defesa– Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Ricardo José de Azevedo Marinho

Instituto Devecchi

Análisis de las obras de Mariana Enriquez publicadas en Brasil. Resumen

En el sentido común, circula la idea de que la adquisición de conocimientos y la modificación de conductas se dan solo por la simple lectura de un texto. Una premisa en parte válida, que ha sido corroborada por estudios científicos que han demostrado que leer en un idioma diferente al del lector también mejora el rendimiento cerebral. Los lectores brasileños encuentran esto en la obra de Mariana Enríquez, quien en el transcurso de sus narraciones permite al lector dialogar entre el saber oral y la gnosis sistematizada, posibilitando reflexiones fecundas sobre la realidad hasta la activación de informaciones sensoriales. En este texto, los autores buscan analizar aspectos relacionados con la obra de la escritora Mariana Enríquez publicada en Brasil. Este artículo se divide en tres secciones que buscan retratar la obra de la mencionada argentina bajo la mirada de

Palabras clave:

Obras de Mariana Enríquez, lectores, literatura, Brasil/ Argentina

Análise das obras de Mariana Enriquez publicadas no Brasil

Renata Bastos da Silva
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional– Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Ricardo José de Azevedo Marinho
Instituto Devecchi

Sandra Maria Becker Tavares
Instituto de Relações Internacionais e Defesa– Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

DOI: 10.14409/culturas.2022.16.e0010

tres investigadores brasileños, indicando la simbiosis de su singularidad y la especificidad de un nicho literario.

Analysis of the works by Mariana Enriquez published in Brazil. Abstract

In common sense, an idea circulates that the acquisition of knowledge and modification of behaviours occur only by the simple reading of a text. A valid premise in part, which has been corroborated by scientific studies that have shown that reading in a language other than the reader's also enhances brain performance. Brazilian readers find this in the work of Mariana Enriquez, who in the course of her narratives allows the reader to dialogue between oral knowledge and systematized gnosis, allowing fruitful reflections on reality until the activation of sensory information. In this text, the authors sought to analyse aspects related to the works of the writer Mariana Enriquez published in Brazil. This article was divided into three sections that seek to portray the work of the aforementioned Argentinian writer in the view of three Brazilian researchers, indicating the symbiosis of its singularity and the specificity of a literary niche.

Keywords:

Works by Mariana Enriquez, readers, literature, Brazil/Argentina

Análise das obras de Mariana Enriquez publicadas no Brasil. Resumo

No senso comum circula uma ideia que a aquisição de conhecimentos e modificação de comportamentos ocorra apenas pela simples leitura de um texto. Premissa válida em parte e que vem sendo corroborada por estudos científicos que vêm apontando que a leitura em idioma diverso ao do leitor, potencializa também o desempenho cerebral. Os leitores brasileiros encontram isso na obra de Mariana Enriquez que no correr de suas narrativas permite ao leitor a interlocução entre o conhecimento oral e a gnose sistematizada, possibilitando profícuas reflexões sobre a realidade até a ativação das

Palavras-chaves:

Obras de Mariana Enriquez, leitores, literatura, Brasil/Argentina

informações sensoriais. Neste texto, os autores buscaram analisar aspectos relativos às obras da escritora Mariana Enriquez publicadas no Brasil. Esse artigo foi dividido em três seções que buscam retratar a obra da referida argentina sob o olhar de três pesquisadores brasileiros indicando a simbiose de sua singularidade e a especificidade de um nicho literário.

Introdução

No senso comum circula uma ideia que a aquisição de conhecimentos e modificação de comportamentos ocorra apenas pela simples leitura de um texto. No entanto, a fixação e a aplicabilidade de um texto, vai muito além da leitura elementar. Algumas obras despertam no leitor a vontade conhecer o autor, adquirir outros títulos correlatos a ele, assimilar palavras e, até viajar para os lugares lá descritos.

E esse é o tom que dá forma à obra de Mariana Enriquez que no correr de suas narrativas permite ao leitor a interlocução entre o conhecimento oral e a gnose sistematizada, possibilitando profícuas reflexões sobre a realidade até a ativação das informações sensoriais.

Neste texto, os autores analisam aspectos relativos às obras da escritora Mariana Enriquez, traduzidas e publicadas no Brasil.

Esse artigo foi dividido em três seções (1. Mariana na sua singularidade; 2. Mariana no Brasil; e, Mariana – o sobrenatural) para conduzir o leitor a compreender

a análise postulada por três pesquisadores brasileiros e que apontou para a simbiose da singularidade e a especificidade do nicho literário de Enriquez.

Mariana na sua singularidade

Mariana Enriquez nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1973. Formou-se em Comunicação Social pela Universidade Nacional de La Plata. Como jornalista, colaborou no Radar do jornal *Página/12* e nas revistas *TXT*, *La Mano*, *La Mujer de mi Vida* e *El Guardian*. Também participou de rádio, no programa *Gente de a torta*, da Rádio Nacional.

Publicou seu primeiro romance, *Bajar es lo peor*, aos 21 anos. Seus seguintes romances foram: *Cómo desaparecer completamente* em 2004 e *Chicos que vuelvenem* 2011, *Este es el mar* em 2017 e o premiado, que trataremos mais à frente, *Nuestra parte de noche* em 2019, e o livro de relatos: *Los peligros de fumar en la cama* em 2009. São também de sua autoria: o ensaio *Mitología celta* (2007), os contos: *Alguien camina sobre tu tumba: Mis*

viajes a cementerios (2013); *Las cosas que perdimos en el fuego* (2016); e a biografia: *La hermana menor, un retrato de Silvina Ocampo* (2014).

Seus escritos nos levaram a refletir a respeito de sua singularidade na abordagem dos temas. Em especial, ao incorporar à sua narrativa, elementos da cultura cyberpunk. Cultura que, a partir do século XX, expressa vínculo entre a escrita gótica, o horror e a angústia de séculos anteriores resultando em estereótipos de personagens. Adiante, a escrita gótica veio a combinar-se à ficção científica trazendo descrições de corpos muitas vezes indefinidos, que sofreram transformações reais ou imaginárias, misturando convívio ou a simbiose entre animais humanos e não-humanos, em cenários tangíveis ou apocalípticos que, por vezes, trespassam o gênero literário denominado cybergótico.

Assim são as personagens da escritora Mariana Enriquez em seus simbólicos mundos. Em geral, esses se movimentam em ambientes fluidos. Os cenários descritos, em geral, modificam-se seja pelo tempo decorrido seja pelo imaginário e ao agrado ou não dos seus protagonistas. Mariana coloca seus entes ficcionais em lugares de transição. Nesses cenários, seus protagonistas antecedentes e atuais, evidenciam tanto o desconforto quanto prazeres suas atividades cotidianas, uma vez que a «(...) atitude para com um lugar não é fixa. O que uma cultura teme, outra referencia» (Amaral, 2004).

Percebe-se também, uma inclinação para a descrição de lugares ermos ou de passagem, de paisagens amplas, em especial, quando ligados a acontecimentos dramáticos e, também, dar notoriedade a certo ente considerado insignificante pela sociedade em um tempo e espaço físico específicos. Ao correr das linhas escritas, o faz crescer, o ilumina para que seu destaque evolua na busca do reparo emocional ou histórico.

Mariana no Brasil

A realidade pode conter o macabro e o perturbador nas obras de Mariana Enriquez e isso é latente. Seu primeiro livro publicado no Brasil foi: *As coisas que perdimos no fogo* (Intrínseca, 2017; o original é de 2016), uma coletânea de contos da escritora argentina Mariana Enríquez, que faz isso com maestria, mobilizando o medo e o terror cotidiano que vem das profundezas históricas de seu país (e não só) e deságua no cenário do governo de Mauricio Macri (2015–2019), passando antes pelos governos argentinos do período militar, e também pelo governo de Carlos Saúl Menem Akil (1989–1999).

Em um olhar de relance, as doze narrativas da escritora argentina, a maioria ainda não publicadas em nosso país, poderiam parecer surreais para os leitores brasileiros. Entretanto, elas se mostram com uma familiaridade estonteante e o cotidiano se transforma em pesadelo. Segundo as próprias palavras de Mariana, que concedeu,

em 2017, uma entrevista, por telefone ao jornalista e historiador Leonardo Cazes:

— Sempre gostei muito de terror. É um gênero que permite falar de coisas muito difíceis, como o medo da morte e da violência, e de várias coisas que nos perturbam muito de uma maneira que é, ao mesmo tempo, divertida— diz ela. — Na tradição literária, Cortázar fazia isso com o fantástico, que irrompia e desorganizava a realidade. Há uma série de questões da sociedade argentina que são um terreno bastante natural para o horror. (Enriquez, 2017).

Em outro momento da entrevista ela ressalta o papel que a literatura revela ao captar, a reação psicológica das pessoas num contexto de crise de seu país e, acrescentamos, em seus respectivos cotidianos, fatos que se refletem nas personagens protagonistas:

— Todas elas estão em um momento de incerteza. Acho que isso é o que ocorre com a vida num país que está sempre esperando a próxima crise. Há uma constante instabilidade, que é econômica, é claro, mas que termina incorporada na psicologia das pessoas. Essa sensação me interessa na literatura porque traz a percepção de uma realidade sempre muito frágil, onde tudo pode mudar. As pessoas vivem então num estado de alerta permanente, de ansiedade e incerteza. (Enriquez, 2017).

Como desdobramento dessa primeira

incursão de sua obra no Brasil, Mariana Enriquez chegou, pessoalmente ao nosso país para a 17ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), em 2019, na qual no domingo (14) participou da mesa literária Santo Antônio da Glória, no Auditório da Matriz, pela manhã, que reuniu Mariana Enriquez ao escritor Braulio Tavares, do Brasil. Entre os assuntos tratados na discussão estão ficção científica, poesia de cordel, histórias fantásticas e de terror. Logo após o debate da mesa, Mariana autografou o livro que estava lançando: *Este é o Mar*; título bastante simpático para o local, e particularmente para nosso estado do Rio de Janeiro por ser boa parte banhado pelo oceano Atlântico. Mostrou-se muito solícita e atenciosa com o público brasileiro. Em sua participação na mesa da manhã, foi ovacionada pela crítica aos governos Macri e Bolsonaro. Na sessão de autógrafos estreitamos laços com vista a atividades futuras que envolvam a cultura no Mercosul e o acordo deste com a União Europeia.

Foi quando, pela plataforma Zoom, já no contexto pandêmico, Mariana esteve conosco na atividade que realizamos todos os meses com o Instituto Cervantes do Rio de Janeiro (ICRJ), que é fruto de uma parceria entre o ICRJ e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, para democratizar se a discussão sobre autores da cultura hispânica aqui no Brasil. Assim nasceu o título de nossa ação de extensão e pesquisa Encontros internacionais:

O brasileiro entre os outros hispanos: afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas inter-relações, e uma das nossas atividades foi realizada no dia 24 de setembro de 202, as 18h30 (horário de Brasília/Rio de Janeiro), pela plataforma Zoom, organizamos o evento «Mariana Enríquez. Literatura y vida cotidiana». A atividade teve uma duração total aproximada de 1h30. O resumo sobre o evento foi publicado no site do ICRJ como um convite para que o público participasse:

Mariana Enríquez (Buenos Aires, 1973) es profesora, periodista y subeditora del diario *Página/12*. Participó en la 17ª edición de la FLIP Paraty, en el 2019. Su escritura nos remite a la literatura fantástica producida en Iberoamérica a mediados del siglo xx. Sin embargo, Mariana va más allá y nos presenta una interpretación metafórica que revela historias del día a día que debemos afrontar y evitamos, como un chico sucio en un barrio antaño elegante y ahora decadente de la gran Buenos Aires. De la misma forma que las generaciones de padre e hijos que vivieron entre la dictadura militar argentina y la brasileña. Por lo tanto, los profesores de la UFRJ proponen revelar, a través de la mirada de Mariana, lo que hoy y siempre debemos afrontar, superar los problemas, como la desigualdad social aquí y en otros rincones.

El evento tratará de los dos últimos libros de la escritora argentina Mariana Enrí-

quez, uno de ellos ya traducido al portugués: *As coisas que perdemos no fogo*, de 2016, y el último, *Nuestra parte de noche*, de 2019, premio Herralde de Novela.

Contaremos con la participación especial de la propia autora, Mariana Enríquez.

El evento tratará de los dos últimos libros de la escritora argentina Mariana Enríquez, uno de ellos ya traducido al portugués: «*As coisas que perdemos no fogo*», de 2016, y el último, «*Nuestra parte de noche*», de 2019, premio Herralde de Novela. (Instituto Cervante Do Rio de Janeiro, 2020)

Naquela oportunidade Mariana, na qualidade de narradora benjaminiana, esteve com seu público, a maioria do Brasil, registrados no Zoom por volta de 25 pessoas.

Entendemos como uma das repercussões daquele encontro com a autora, o público brasileiro ter sido agraciado por mais um livro dela publicado no Brasil, *Nossa parte de noite*, lançado em agosto de 2021. A trama se passa no último regime militar da Argentina, entre 1976 e 1983, e conta sobre a jornada de pai e filho em meio aos horrores da ditadura. Na seção a seguir vamos tratar um pouco de cada um dos três livros de Mariana Enríquez publicados no Brasil pela editora Intrínseca.

Mariana – o sobrenatural

As narrativas da autora argentina nos remetem a memorialística, que são contadas e permeadas por os espaços da

vida e do sobrenatural, portanto, abaixo vamos tentar detalhar esses espaços das obras em suas obras. «Assim, certo lugar mal-assombrado pode ser lembrado simultaneamente, por meio de fontes oficiais, do testemunho pessoal ou de casos arraigados na memória coletiva» (Gabriel, 2020).

Nessa perspectiva vamos apresentar as três dessas obras que foram publicadas no Brasil, já mencionadas acima, e suas respectivas datas de publicação em nosso país, *As coisas que perdemos no incêndio* em 2017, *Este é o mar* em 2019 e *Nossa parte da noite* em 2021.

As coisas que perdemos no fogo

O livro de contos *As coisas que perdemos no fogo* mostra uma realidade que contém o macabro e o inquietante, e Mariana mobiliza com maestria o medo e o terror cotidianos que vêm das profundezas históricas de seu país. A seguir vamos destacar o primeiro conto, intitulado *O menino sujo*. A escritora tem uma narrativa que pode parecer surreal aos leitores, mas, na realidade, é sua familiaridade com o cotidiano que se transforma em pesadelo.

A personagem protagonista, narradora da história, trabalha como designer gráfico para um jornal, para o suplemento *Moda&Mujer*. Ela mora em Constitución, porque gosta da casa de sua família e é uma casa linda, onde mora sozinha. Sua família acha que ela é louca por morar em Constitución. Nesse bairro,

no século XIX, era uma área da cidade de Buenos Aires onde vivia a aristocracia da época. No entanto, ao final daquele século, em 1887, famílias aristocráticas fugiram para o norte da cidade para escapar da febre amarela. Poucos voltaram, quase nenhum. Mas o bairro era marcado pela fuga, pelo abandono, pela condição de ser indesejado. Mas se você souber se movimentar, se entender a dinâmica, os horários, segundo a narradora, não são perigosos. Ou são menos perigosos? Onde há traficantes, viciados, travestis. É o bairro mais perigoso de Buenos Aires. A protagonista só tem uma amiga, a travesti Lala, sua cabeleireira. A descrição de um bairro decadente, para nós brasileiro, soa familiar, pois, em nossas cidades, em especial nas capitais, mas não só, de nossos estados, há bairros assim. Aqui nos referimos ao livro da professora Raquel Rolnik intitulado *São Paulo: o planejamento de desigualdade* (2022), que analisa as desigualdades na cidade de São Paulo, a metrópole mais populosa da nossa América do Sul.

No entanto, voltando ao conto, a narradora nos conta que em frente a sua casa o menino sujo e sua mãe, que está grávida, dormem em três colchões muito gastos. Uma noite, depois do jantar, a campanha tocou. Raro: quase ninguém a visita nessa época. Exceto Lala, ela viu que ali estava o garoto sujo. Sua mãe o deixou sozinho. A protagonista o convidou para entrar e jantar. E depois o levou para

uma sorveteria. Era 8 de janeiro, dia de Gauchito Gile velas colocadas nas ruas em homenagem ao santo. O menino sujo a lembrou do outro santo, o santo esqueleto com suas velas vermelhas e pretas. Ela não sabia o que deveria fazer com o menino se a mãe dele não aparecesse. Levá-lo para a delegacia? Para um hospital? Fazê-lo ficar em casa até ela voltar? Existiam serviços sociais nesta cidade? Quando voltavam, olhavam para a mãe do menino que estava na frente de sua casa e gritavam com ela reclamando pelo filho. Ela devolveu e foi para casa sozinha. Neste momento, Mariana nos leva a refletir sobre as políticas sociais, principalmente da assistência social às crianças, tema também caro ao Brasil.

No dia seguinte, o menino sujo e sua mãe haviam desaparecido. Ela nunca mais encontrou o menino nas ruas de Constitución, sendo que o contexto apontava para a possibilidade de a criança ter sido comercializada. A narradora lamentou muito não ter ajudado o menino sujo quando pôde.

Há outros contos em *As coisas que perdemos no fogo* que retomam o tema da decadência dos bairros em Buenos Aires, mas o aspecto do abandono da infância é o que nos fez salientar esse conto, entre os outros que mostram o surreal da realidade.

Este é o Mar

No romance *Este é o mar*, a apresentação da vida usual também é claramente

perceptível como um mundo que também parece surreal à primeira vista, que aos poucos se anuncia mais assustador do que se poderia imaginar. E o tema da juventude nesse contexto é sublinhado pela nossa autora. Assim, a escritora argentina usa a vida habitual para criar uma história de terror contemporânea, e acaba escolhendo a fantasia como força motriz da narrativa. O leitor segue os passos de James Evans, um rockstar atormentado por entidades cuja única e exclusiva obrigação é torturá-lo até a morte.

Este é o mar, o segundo livro publicado no Brasil. Como em *As coisas que perdemos no fogo*, a escritora parte do dia a dia para criar uma história de horror contemporâneo envolvendo jovens moças, mas acaba elegendo a fantasia como força motriz da narrativa — os passos de James Evans, um rockstar atormentado por entidades cuja única e obrigação exclusiva é exasperá-lo até a morte. Seriam essas mesmas criaturas as responsáveis pelas tragédias que acontecem com Jim Morrison, Kurt Cobain, Jimmi Hendrix, Brian Jones e tantos outros Clube dos 27? É uma hipótese que a autora nos coloca e nos provoca a refletir, ou seja popstars que não chegam para além dos vinte e pouco anos.

A virada acontece quando Helena, criatura acusada de maltratar James, acaba se apaixonando por ele. Como em qualquer história de Mariana Enriquez, é impossível pensar logicamente. São vidas,

humanas e não-humanas, que se cruzam numa espécie de matéria temporária ou em enormes vazios preenchidos pelo tédio da adolescência. E talvez a essa perspectiva jovem ainda falte romance, falta Alice, uma base que remonta à história que se perde, há alguns anos, em uma trama juvenil e suas raízes no gótico.

Nossa parte de noite

O catálogo de horrores cometidos pela ditadura militar argentina (1976–1983) é macabro. Agora imagine que alguém com a capacidade de ver e ouvir os mortos, todos aqueles afogados, estuprados e torturados com os olhos vendados. É o que acontece com o protagonista do último romance de Mariana Enríquez, *Nossa parte de noite*. Um médium com poderes sobrenaturais capazes de invocar as Trevas. Suas habilidades são exigidas por uma sociedade secreta formada por famílias abastadas da elite argentina com descendência inglesa que há séculos celebram rituais atroz em busca da vida eterna.

No início da novela, o médium ainda não sabe se seu filho de seis anos, Gaspar, herdou seu estranho dom. A mãe morreu em um acidente suspeito e, apesar de seus poderes, o pai não consegue se comunicar com ela. Estamos nos anos 1970 e ambos atravessam o país de carro em direção às Cataratas do Iguazu, em uma espécie de *roadtrip* paranoica onde cruzarão com antigos cultos brasileiros, militares, secundários em busca de sexo

causal, desconfiança, superstição, pobreza e medo.

Então conheceremos a fundo a poderosa e fascinante família da ordem secreta e a impunidade com que sequestram bebês e crianças indígenas para sacrificá-los em cerimônias selvagens. Mariana Enríquez não poupa detalhes ao descrever um círculo poderoso em que o exercício da crueldade e da perversão prevalece como suposto caminho para iluminações secretas. Além disso, traça um catálogo inesquecível de personagens com o inescrupuloso e a amoralidade como marca de classe, personagens que operam com a mesma impunidade como os ditadores militares em uma sociedade atormentada pela desigualdade e o terror desse elemento e de tantos outros.

«Todas as fortunas são construídas sobre o sofrimento dos outros», lembra Rosario —que bem poderia ter sido Zygmunt Bauman (1925–2017)—, a mãe desaparecida, antes de nos contar sobre as origens da ordem secreta na Inglaterra do século XVIII, da qual ela é vítima e herdeira. A partir deste enfoque, Mariana Enríquez se aproxima de E.P Thompson (1924–1993) em *Senhores e caçadores. A origem da Lei Negra* (1987) onde o historiador inglês ao examinar a sociedade inglesa do século XVIII, descreve a violência e a corrupção ali dominante.

Vale a pena conhecer este instrumento dos *Whigs* para a defesa da propriedade na sociedade inglesa, a Lei Negra de

Waltham na íntegra, disposta nesse livro. Não apenas porque esta lei sofre o escrutínio de Thompson, mas, também, porque ela revela essa faceta da sociedade inglesa, ainda pouco conhecida entre nós, que até Mariana Enríquez apenas Gilberto Freyre (1900–1987) havia descrito em seu livro *Assombrações do Recife, velho* (1955). Pois os ancestrais de Rosario encontraram perto de Inverness, quase no fim do mundo, o primeiro vidente, filho de um camponês escocês que previu o futuro usando a omoplata de uma ovelha. De lá, o romance viaja para a *Swinging London* dos anos 1960 (que circula também em *Este é o mar*), onde a atmosfera boêmia, libertina e hedonista da época e o esoterismo ambiental facilitam muito a camuflagem dos iniciados: nas festas eles fumam e consomem ácido enquanto ele fala sobre os poetas William Blake (1757–1827) e Friedrich Hölderlin (1770–1843) e as conversas invariavelmente se voltam para o ocultista Aleister Crowley (1875–1947), o I Ching e o tabuleiro Ouija. Além disso, os filhos dos membros da Ordem são estranhamente como os *hippies*: posições políticas radicais, promiscuidade sexual, roupas estranhas e muito dinheiro. Já sabemos como essa viagem terminou para alguns: mal, com Charles Manson (1934–1967), os Hell’s Angels e o artigo sobre o massacre de MýLai (1968). Rosario ainda tem uma relação casual com um músico chamado David que tem algo reptiliano,

um boneco com dentes estranhos, tão atraente que sexo com ele a assusta que, numa interpretação hiper-realista, pode ser o próprio Bowie.

Mariana Enríquez nasceu em 1973, portanto devia ter três anos de idade quando a junta militar deu partida no golpe em 1976 e cerca de 11 quando começou a abertura democrática em 1984, ao que se seguiu um julgamento em que a mídia começou a revelar os horrores cometidos ao longo dos anos e que suas consequências ganharam lugar na sua literatura em *As coisas que perdemos no fogo*. Como consequência, esse cotidiano dos argentinos está repleto de doses diárias de sangue.

Enríquez cresceu num país que foi capaz de criar fantasmas por meio da política ditatorial militar, com forças repressivas especializadas em fazer desaparecer almas cotidianamente, situações que também foram representadas cinematograficamente em *Kóbllic* (2016) de Sebastián Borensztein. O medo que ela deve ter sentido é e era real, embora seja ainda insondável sabermos se tal barbárie fosse totalmente compreensível para uma menina tão jovem (recordemos *A Vida é Bela* de Roberto Benigni) e, talvez por isso, a Mariana Enríquez do século XXI transforme esse resíduo em uma literatura gótica, repleta de fantasmagorias e pesadelos. Há uma razão pela qual fantasmas, aparições espectrais e os mortos que aparecem sejam os protagonistas de suas

histórias, tanto nos contos reunidos em *As coisas que perdemos no fogo* quanto em *Nossa parte de noite*, onde a representação literária do sobrenatural de contatar a dimensão do não-vivo é uma forma de viver, mas também uma terrível condenação. O terror é sempre político.

O estilo de Mariana Enríquez é elegante, às vezes parece que escreve com leveza. Ela descreve em detalhes (como o melhor cirurgião, lida com sangue, vísceras e cicatrizes com uma naturalidade incrível) e sua prosa hipnotiza e cativa. É inevitável pensar em Stephen King e Shirley Jackson (1916–1965) ao lê-la, mas também em *Drácula* (1897) ou Emily Dickinson (1830–1886). Ler *Nossa parte de noite* é muito parecido com a sensação de passar por um acidente de carro, como um taxi que entra debaixo de um caminhão: é impossível não olhar, mesmo que seja repulsivo fazê-lo, e o que você vê é horrível.

A leitura de *Nossa parte de noite*, Prêmio de Romance Herralde de 2019, sinaliza a capacidade de Mariana para estampar o sublime. Consegue colocar em letras a beleza e o pavor que nos cerca. Em cada uma dessas dimensões, lida com o lado sombrio e encanto das coisas em suas estórias: o mal que vive à espreita de todos nós como alertou Hannah Arendt (1906–1975) e os impulsos mais indescritíveis. Que *Nossa parte da noite* nos ajude a desenterrar a caveira de burro que nos atormenta aqui e em alhures.

Considerações finais

Mariana Enriquez deslumbra com seu estilo tremendamente magnético, delicado, engajado e bestial ao mesmo tempo.

A Argentina é um país com crises econômicas cíclicas. A cada dez anos, mais pessoas são marginalizadas, afirmou Mariana Enriquez (Enriquez, 2017); mas a crise contemporânea que aprofunda a desigualdade não é um caso isolado de seu país.

Daí acreditamos que as situações que essa autora nos apresenta em seus escritos, são os desafios que temos todos os dias para compreendermos e tentarmos achar soluções para a superação de nossas tragédias. Mas, para além das sinas de Sísifo e de Prometeu, personagens da mitologia Grega. O primeiro pela vergonha de ter sido punido por usar sua esperteza e habilidade para tramar contra os deuses. Quanto ao segundo, o ato de tirar dos deuses (roubar para alguns) algo que pertence a nossa humanidade, isto é, a capacidade de lidar com as artes e as técnicas.

Neste sentido, resgatando o ensaio de Mariana sobre a mitologia celta, ressaltamos que o caminho da construção da civilização, em nossas terras do Sul, ainda irá requerer de nós uma luta diária para superar a barbárie. O certo é que, outros escritos da autora devem ser traduzidos e publicados no Brasil, para que, através de nossas reflexões e ações, juntos, cooperemos para cimentar esse caminho.

Referências Bibliográficas

- Amaral, A. (2004). Espectros da Ficção Científica. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/amaral-adriana-espectros-da-ficcao-cientifica.pdf> Acesso em: 26 maio 2022.
- Enriquez, M. (2017). Contos sobre violência e política marcam estreia de Mariana Enriquez no Brasil. [Entrevista concedida à Leonardo Cazes]. *O Globo*. 16/06/2017. Cultura. Livros. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/contos-sobre-violencia-politica-marcam-estrea-de-mariana-enriquez-no-brasil-21482731> Acesso em: 23 junho 2022.
- Gabriel, M. A. R. A memorialística do espaço em Gilberto Freyre. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8663432> Acesso em: 26 maio 2022.
- Godoy, Z. (2021). Um grande livro em termos de ambição literária. Clube do Livro, Rio de Janeiro. *Rádio CBN*, 31/08/2021. Disponível em: <https://m.cbn.globoradio.globo.com/media/audio/351610/um-grande-livro-em-terminos-de-ambicao-literaria.htm>. Acesso em: 23 de junho 2022
- Instituto Cervantes do Rio de Janeiro (2020). Mariana Enríquez. Literatura y vida cotidiana. Disponível em: <https://cultura.cervantes.es/riodejaneiro/es/mariana-enr%C3%ADquez.-literatura-y-vida-cotidiana/136084> Acesso em: 23 de junho de 2022.
- Rolnik, R. (2022). *São Paulo: o planejamento de desigualdade*. São Paulo: Fósforo.